

QUIMERAS DAS DISTINÇÕES ENTRE LOUCURA E RAZÃO, ENTRE NORMAL E PATOLÓGICO: O ASSASSINATO DO PAI¹

(Chimeras of distinctions between madness and reason, between the normal and the pathological: the murder of the Father)

Luiz Eduardo Prado de Oliveira

Université de Bretagne Occidentale

Josiane Bocchi

Doutoranda do Departamento de Filosofia da UFSCar

Resumo: Este artigo discute duas idéias curiosas trazidas pela psicanálise: a diferença de “estrutura” entre neurose, psicose e perversão e a singularização do assassinato do pai como estruturante para a vida psíquica. O artigo apresenta casos de matricídio, infanticídio e parricídio e também discute a presença do delírio no pensamento científico. O objetivo é mostrar que a abordagem rígida ou dogmática dessas duas idéias é inútil para a compreensão do vínculo entre delírio e razão, pois, desse modo, recusa-se a relação intrínseca entre ambos. Como resultado, assistimos ao surgimento de ficções ou ideologias teóricas difíceis de serem compreendidas: “quimeras” ou “aberrações espetaculares”, assim como a nossa própria fantasia de separar definitivamente o normal e o patológico.

Palavras-chave: Psicanálise, Assassinato do pai, Loucura, Razão.

Abstract: This paper discusses two curious ideas brought by psychoanalysis: the structural difference among neurosis, psychosis and perversion and the singling of the murder of the father as for structuring the mental life. The paper presents cases of matricide, parricide and infanticide and also discusses the presence of delirium in scientific thought. The aim is to show that rigid and dogmatic approach to these two ideas is useless for understanding the relationship between delirium and reason, because she refuses intrinsic relationship between them. Consequently, we watch the emergence of fictions or ideologies theoretical difficult to be understood: "chimeras" or "spectacular aberration," as well as our own fantasy of definitively separating the normal and pathological.

Key-words: Psychoanalysis, Murder of the father, Madness, Reason.

Na França, ao longo do século 20, apareceu uma idéia curiosa entre os psiquiatras e os psicanalistas, segundo a qual haveria uma distinção “de estrutura” entre psicose, neurose e perversão. Esta idéia também vai à contra-corrente de tudo o que se tinha pensado até então a esse respeito, inclusive entre os psicanalistas, uma vez que ela contraria a mais elementar experiência clínica, na medida em que esta última seja, de certa forma, um tanto livre das hipóteses que transformam a teoria num pressuposto indispensável e rígido, ou seja, que a transformam em uma ideologia. Se existem noções prévias à experiência, elas não podem invadir muito a capacidade de observação, de forma que esta chegue à descoberta. Senão, as Américas transformar-se-iam nas “Índias Ocidentais”. Em menos de dez anos, isto foi corrigido através da comparação com outras experiências e outras observações.

Eis alguns fundamentos da observação clínica. Montaigne (1580-2002):

nosso ser é consolidado a partir de qualidades doentias; a ambição, o ciúme, a inveja, a vingança, a superstição e o desespero alojam-se em nós com uma posse tão natural que a imagem se reconhece também para os animais; e até mesmo a crueldade, vício tão deturpado, pois, em meio à compaixão, sentimos no íntimo não sei qual ponta agri-doce de volúpia maligna ao ver o outro sofrer. Qualidades aquelas cuja remoção das sementes no homem destruiria as condições fundamentais da nossa vida. Da mesma forma, em toda apólice há ofícios necessários, não apenas

abjetos, mas de novo viciosos; os vícios acham lugar e consomem-se na costura de nossas relações, como os venenos na preservação da nossa saúde. (p. 577)

Pouco menos de dois séculos mais tarde, Kant (1990) retoma:

Não se tem nenhuma razão para acreditar que no estado de vigília o espírito siga outras leis que as leis do sono; ou melhor, na vigília, só é possível supor que a vivacidade das impressões sensíveis tornam as mais doces imagens das nossas quimeras obscuras e irreconhecíveis; ao contrário, no sono, quando o acesso à alma está fechado para todas as impressões externas, aquelas têm toda a sua força. (pp. 58-61)

E mais adiante:

Aliás, é uma ilusão comum que mostra aos seres humanos não o que é, mas o que sua inclinação apresenta aos seus olhos: nas pedras de Florença, o naturalista enxerga cidades; na inscrição do mármore, o homem piedoso vê a narrativa da Paixão; certa senhora vê, na sua lente, a sombra de dois amantes sob a lua, mas o pároco vê dois campanários. (*ib.*, p. 63)

Kant precede Kuhn e seu *A estrutura das revoluções científicas*. Se tivéssemos guardado vivo em nosso espírito a sabedoria de Montaigne e de Kant, estaríamos poupados de toda a divagação sobre as diferenças entre o normal e o patológico. São inúteis os esforços de Canguilhem ou de Anna Freud para traçarem fronteiras, porém inútil também é o estruturalismo na psicanálise. Lembro que para Freud, para os primeiros psicanalistas e para a psiquiatria de seu tempo a nosografia não tinha lugar de método clínico. Nem para Melanie Klein ou para Lacan, aliás, lido com atenção e após ser colocado à distância das ideologias estruturalistas que invadiram sua

Esta é a mais longa das três descrições, a “jovem infeliz” vem se somar à “profundidade muito grande” da incisão na descrição do crime. Às 14 horas, sendo uma hora mais tarde da redação desse primeiro relato, um segundo relato foi redigido por Théodore Morin, doutor em medicina e por Thomas-Adrien Cordière, oficiais da saúde residentes em Aunay. Realizada por um médico, a segunda descrição é mais minuciosa, precisa e fria. A “profundidade muito grande” é substituída por “com força no cérebro”.

Marie Rivière, idosa de 74 anos, mora numa casa que divide quintal com a casa onde os crimes foram cometidos. Entre 11hs30 da manhã e o meio dia, esta avó paterna do assassino é testemunha direta da morte de sua neta de 18 anos, que ela tenta salvar aos gritos. O assassinato de sua neta durara menos de um minuto. O assassino já tinha fugido quando sua avó olha no interior da casa e constata as duas outras mortes. Sua nora e seu neto não tiveram tempo de gritar.

Victoire Aimée Lerot, 40 anos, mulher de Jean André - ao entrar na casa de seu irmão, que fica em frente àquela de onde sai Pierre Rivière por volta do meio dia -, encontra este carregando uma foice ensangüentada. Ele lhe diz: “liberto meu pai de todas as suas infelicidades. Sei que me matarão, mas isso não me diz nada. Recomendo-lhes minha mãe” (*ib.*, pp. 28-33). Mais tarde, saberemos que se trata, de fato, de “*mamère*”, como essa família designava a avó paterna. Esta palavra, significando o que fora, tem a chave das mortes: pai e mãe confundidos no ódio por pelo menos duas gerações.

O assassino sempre foi esquisito. Uma criança um tanto ausente do mundo, por vezes sádica, torturando animais ou membros de sua família, afundado em crenças delirantes mais ou menos acentuadas. Não obstante, isso não explica o fato dele tornar-se um assassino. Além do mais, o assassinato, como qualquer sintoma, é sobredeterminado. Pierre Rivière matou como agente de seu pai ou a partir do eco da agressividade de sua mãe? Ou ele realmente matou para se livrar do rival que sua mãe trazia no ventre, apesar do inferno na vida do casal? Nenhum motivo, nele mesmo, o explicará. O assassinato da mãe permanece considerado como hediondo. Pierre Rivière refez o antigo gesto de Orestes, porém, para ele, nenhum apaziguamento intervirá.

O Assassinato de Crianças

Em 4 de setembro de 1913, 5 horas da manhã, Degerloch, Alemanha. Ernst Wagner levanta-se e rende sua mulher antes de apunhalar o pescoço dela. Encaminha-se para o quarto dos filhos - dois rapazes e duas moças - e também lhes corta o pescoço. De trem e de bicicleta, Wagner vai para Mülhausen a 50 km. Foi neste vilarejo, em 1901, um pouco depois de sua nomeação como professor, que irrompera seu delírio de perseguição. Fortemente armado, ele mata, na noite de 4 para 5 de setembro (de 1913), nove pessoas e fere uma multidão. Ao longo desta noite, Wagner literalmente põe este vilarejo à sangue e fogo, antes de ser desarmado, enquanto tentava recarregar um de seus revólveres. Mais tarde, ele se explica. Durante os meses do outono de 1901, ele cometeu atos de sodomia com animais. Wagner tem certeza de que os moradores desta aldeia sabem de seus atos. É por isso que eles sorriam com o canto da boca quando cruzavam com ele, ou tinham olhares furtivos e breves; uma infinidade de detalhes que Wagner percebe, ruma, elabora e chega a conclusões precisas. Estas conclusões são perfeitamente articuladas no seu pensamento, nos seus escritos e em algumas de suas raras conversações com as teses de Schopenhauer e de outros autores de sua época.

O juiz que primeiro o interroga observa:

Quando se perguntou a ele o porquê tinha cometido esses crimes em Mülhausen, ele respondeu que não tinha nada contra cada pessoa em particular, mas que Mülhausen tinha sido o lugar de seus desajustes sexuais e que ele quisera exercer sua vingança contra a comunidade inteira. Entre outras coisas, ele diz: “você sabe, quando você bate o pé numa pedra você fica com raiva da pedra”. A capacidade intelectual de Wagner está absolutamente intacta; ele se exprime como alguém culto e dá importância à utilização de uma expressão formal tão perfeita quanto possível”. (Vindras, 1993, p. 157)

No entanto, sua capacidade intelectual não pode estar absolutamente intacta. Essa história da pedra significa o quê? Uma comunidade humana não é uma pedra!

Para seu psiquiatra, Wagner declara outra coisa:

Nessa história, o único ponto importante é saber se me julgam culpado ou não. Não tento, de modo algum, livrar-me da questão. Afirmo que assumo minha inteira responsabilidade no sentido do Código penal e que me sinto plenamente responsável. Se vocês afirmarem, sem hesitações, que me consideram responsável pelos meus atos, direi tudo. (*ib.*, p. 9)

Porém: “em todo caso, sei de uma coisa, é que aquilo sobre o qual me fundo essencialmente – e para mim é o principal – ninguém chegará a tirá-lo de mim” (*ib.*, p. 9). Querer conhecer apenas um “ponto importante” já é bizarro. Reclamar sua responsabilidade *no sentido do Código penal* deixa pairar a dúvida a respeito dos outros sentidos. A oscilação entre o “darei tudo” e o “salvo o essencial”, que é o principal, constitui a oscilação perversa entre a promessa e a evasiva, em uma situação onde, finalmente, Wagner não tem mais nada a declarar além de seus homicídios.

Um outro especialista, tendo estudado o “caso Wagner”, examina seus escritos. Por exemplo, esta definição que Wagner dá dele mesmo na sua carta “Ao meu povo”: “para terminar, permitirei ter um pensamento afetuoso para mim, ao emitir o seguinte julgamento sobre a minha pessoa: se eu fizer abstração do domínio sexual, fui entre muitos o melhor homem de todos os que conheci” (Vindras 1993). O Dr. Robert Gaupp, psiquiatra de Wagner durante os 24 anos de sua hospitalização, a partir de suas observações junto a esse paciente escreve “A obra dramática de um paranóico sobre o ‘delírio’” e “A criação poética de um doente mental”.

Com efeito, entre 1908 e 1911, Wagner escreve cinco dramas inspirados em narrativas bíblicas. Hospitalizado, começa rapidamente a reescrever um deles, o *Absolon*. Em seguida, escreve um drama, cujo título é *Delírio* ou *Luiz II, rei da Baviera*. O rei Luiz II não era menos paranóico e suicidou-se depois de ter matado seu psiquiatra. Não é raro que psicóticos utilizem a arte como um mediador auto-analítico e, em todo caso, auto-terapêutico. Wölfl, o pintor suíço alemão, naturalmente o precursor de Andy Warhol, e tantos outros dos quais testemunham diversos “museus do inconsciente” ou “serviços de arte-terapia”. E também escritores, os do romantismo, por exemplo, qualificado por Goethe de “poesia de hospital”, dos quais muitos terminaram seus dias internados na psiquiatria ou como suicidas.

Contudo, o professor Wagner apresenta uma particularidade sublinhada pelo Dr. Gaupp: sua escrita propõe que apenas um paranóico está em condições de descrever *intimamente* a paranóia. Somente Wagner pode entender com sutileza os movimentos da alma de Luiz II. Projeção e identificação andam juntas. Que interesse pode ter aqui o diagnóstico psicanalítico ou psiquiátrico? Os dois, muito freqüentemente, são para a realidade como a astrologia é para a vida real. Os loucos se conhecem melhor: “a loucura não é uma doença, mas um estado de evolução, como um estado de frenesi, que pode coexistir com um bom equilíbrio psíquico. É a patologia que intoxica os psiquiatras: eles só vêem os resíduos no minério e não o rádio”.³

O gesto de Wagner não terá nunca uma única explicação. Em um mesmo surto, esse professor de um vilarejo perdido, reproduz o gesto assustador de Hércules e de Medéia. Wagner nunca conhecerá o perdão que traz o mito.

O Assassinato do Pai

Em 12 de dezembro de 1935, Larrañaga, Montevideu, 18hs40. Uma jovem atira quatro vezes contra seu pai e mata-o: “ela agiu em desespero pela vida de sofrimento que o pai, por ciúme, infligia à sua mãe”, intitula o jornal. Acrescenta seu irmão: “se ela não o tivesse matado, eu o teria feito”.⁴ Esta jovem se tornará professora e mesmo uma das professoras primárias mais idealistas e mais apaixonadas que existiu. Ela fará proposições importantes para a reforma do ensino público uruguaio, de modo a torná-lo laico e a protegê-lo da infiltração religiosa. Um tal projeto não deixaria de suscitar a violenta oposição religiosa que, para contrariá-lo, não hesitaram

em persegui-la e de tudo fizeram para excluí-la do serviço público. A jovem, quando mais velha, termina delirante, persecutória e indigente.

Platão, *As leis*, livro XI, linhas 929d à 930b:

Se a doença, a velhice, a aspereza do caráter ou todas estas causas juntas fazem com que um homem, sob a ignorância de todos os que não vivem com ele, perca a razão até a extravagância e que arruíne a sua casa, uma vez que ele torna-se dono do que lhe pertence - e enquanto seu filho só pode resolver acusando-o de demência -, eis o que a lei lhe prescreve. Primeiramente, o filho irá procurar os guardiões da lei, os mais velhos, e contará a eles o infortúnio de seu pai. Estes, depois de terem suficientemente examinado o assunto, dirão se ele deve ou não fazer a acusação.

Se eles o aconselham, eles tornar-se-ão as testemunhas e apoiarão a acusação. Se o pai perder o processo, ele não terá mais o direito de dispor da menor parcela de seus bens, mas morará na casa o resto de sua vida, tratado como uma criança. E ainda:

Se por má sorte a incompatibilidade de seus temperamentos impedem um homem e uma mulher de se entenderem, dez homens de meia-idade, sempre tidos entre os guardiões das leis, e igualmente dez mulheres predispostas ao matrimônio, terão de se ocupar do caso. Se eles conseguirem os reconciliar, esta decisão prevalecerá; mas se a tempestade que sacode suas almas é violenta demais [...]. (*ib.*, pp. 239-240)

“Demência” é a palavra que traduz aqui a palavra grega da *paranóia*, violenta tempestade que sacode as almas.

Nem a jovem assassina, nem seu irmão tiveram os recursos de fazer apelo aos guardiões da lei ou às mulheres predispostas ao matrimônio. O assassinato – a loucura por excelência para os gregos - é indispensável. Encarnação do assassinato, sua personificação: Medéia. Nem Édipo, nem Orestes, enfato, considerados ambos paranóicos e ambos assassinos nem por isso são considerados como loucos e, assim, são perdoados. Entretanto, Medéia não é perdoada. Sua loucura é diferente. Não somente seus assassinatos são mais freqüentes, mas, sobretudo, porque ela é assassina de seus filhos e impede assim a perpetuação da vida e do porvir, onde o perdão vem se inscrever. Pior que o parricídio ou o matricídio, já hediondos, é o infanticídio.

Em todos os tempos, todo o tipo de assassinato existiu. É curioso que se possa querer singularizar uma de suas modalidades como mais importante que a outra e é ainda mais curioso assinalar o caráter estruturante do assassinato do pai, quando a experiência cultural do judaico-cristianismo, de Abraão a Jesus, insiste sobre o assassinato do filho. É o mesmo na experiência cultural greco-romana, onde mesmo o assassinato de Laios por Édipo é precedido por uma tentativa de assassinato do filho pelo seu pai e sua mãe; e o homicídio de Clitemnestra por Orestes é o término de uma longa série de assassinatos em que Agamenon, o pai, aparece como o principal assassino.

E Tanto as Ciências

A singularização de um tipo de assassinato se complica ainda mais pelo fato de que ela seja considerada como fonte do progresso da espiritualidade e mesmo da ciência, vista como ligada à proibição da representação da imagem própria do judaísmo (Granoff 1975, p. 538; Moscovici 1986, p. 52).⁵ Mesmo se o assassinato da mãe é mencionado, ele é ignorado na sua especificidade e suas conseqüências são negligenciadas (Moscovici 1986). Ora, a ciência ou a espiritualidade não tiveram o judaísmo como um de seus pilares, tanto que este não é desenvolvido no cristianismo, e a contribuição da terceira religião monoteísta, a religião mulçumana, no que diz respeito à transmissão das fontes gregas da ciência, foi completamente negligenciada por Freud.

O *Mysterium cosmographicum* ou a *Philosophiae naturalis principia mathematica*, de Kepler e de Newton, estão impregnados de preocupações mágicas e místicas. Galileu e seu *Mensageiro celeste*, na medida em que nos levam a novas estrelas, iam significar que as tínhamos, enfim, compreendido. A ciência se funda, sobretudo com Descartes, como descrição do mundo donde se ausenta aquele que o descreve, poema sem autor, quadro sem assinatura.⁶ É um erro atribuir a

origem da compreensão da integração entre o delírio e a ciência à psicanálise, enquanto Montaigne tem tal pressentimento e Kant o estabelece claramente. De fato, Montaigne vai bem além nesse sentido e Foucault o assinala (Foucault 1972; Foucault 1994, p. 257).

Tais coisas não são somente demasiado antigas, fenômenos teóricos de uma época onde a religião ainda infiltrava a razão, dando a ela uma certa tonalidade delirante. Aliás, seria injusto restringir a fonte do delírio à religião.

Trata-se também de fenômenos teóricos contemporâneos. Eis Gödel, fundador da lógica como ciência, autor de uma ruptura epistemológica radical no interior do campo das matemáticas:

Seguindo o pensamento de Boole, de Cantor e de Frege, na segunda metade do século 19, a lógica matemática conhece seus primeiros desenvolvimentos graças a Hilbert, a Russel e a Whitehead (primeiro quarto do século 20). No entanto, é a Kurt Gödel, mais do que a qualquer outro, que a lógica vem ter lugar - no espaço de uma década (os anos 30) - entre as ciências matemáticas modernas. Gödel não só resolveu alguns dos principais problemas levantados pela lógica matemática em seus primórdios, lançando, assim, uma luz totalmente nova sobre o conjunto das matemáticas, como também forneceu um corpo de conceitos, de métodos e de resultados à sua disciplina, dos quais a lógica tira, hoje em dia, uma boa parte de seu conteúdo. (Andler 2007)

No entanto, Gödel é louco. Nascido em 1906, desde 1936 ele não fazia suas refeições sem que sua mulher as experimentasse antes dele, pois tinha medo de ser envenenado. O casal muda-se com frequência, uma vez que Gödel teme o ar liberado pela calefação. Ele também tem medo do ar liberado pelos refrigeradores, os quais sistematicamente ele substituiu a ponto de tornar-se famoso nas lojas das cidades onde morou. Ao médico que lhe diagnostica uma úlcera, Gödel responde que ele se engana. É preciso chamar Einstein por telefone para que este, amigo de Gödel, venha convencê-lo da hipótese de se deixar tratar.

Os amigos Gödel recordam-se que ele carregava três casacos, até mesmo no verão, um por cima do outro. Ele trazia regularmente um gorro de lã que só deixava aparecer seus olhos e sua boca. Ele sempre se interessava por mulheres jovens, e mesmo as bem jovens. Sua mulher, Adèle, descreve seu laboratório em Princeton como uma casa de repouso para idosos com mocinhas que faziam fila nas portas. Gödel acreditava que Husserl e outros filósofos importantes tiveram que esconder a maior parte de suas teses ou das coisas que sabiam para não serem perseguidos pela “estrutura do mundo”. É muito difícil delimitar precisamente o que a expressão “estrutura do mundo” significa para Gödel. A meu ver, ela se aproxima muito da “ordem do mundo”, segundo Schreber. Ambos descrevem um deus supremo que é, ao mesmo tempo, extremamente impotente e totalmente submisso a “lógicas”, cujos arranjos são difíceis de serem compreendidos. Esta concepção de um deus supremo tem sua fonte no pensamento de Leibniz. É bastante difundida a noção segundo a qual os filósofos ou outros homens importantes foram frequentemente perseguidos e tiveram que esconder suas idéias (Strauss 1952-1989).

Contudo, Gödel tem fórmulas que extrapolam Schreber ou Leibniz, como aquela da facilidade de confusão entre deus e o diabo, pois eles são isomórficos. Podemos ler: “a ‘estrutura do mundo’ é um conjunto de leis sobrenaturais que explicam as coincidências bizarras entre os acontecimentos aparentemente independentes” (Cassous-Noguès 2007, p. 162). A “estrutura do mundo” persegue os matemáticos, os filósofos, os lógicos e, de uma maneira geral, todos os que poderiam revelar a sua existência, uma vez que “ela” não pode deixar que a humanidade conheça a proximidade entre deus e o diabo. Em suma, estas “estruturas” agem quase como seres vivos.

A lógica criada por Gödel demonstra a existência de objetos matemáticos inconcebíveis antes dele e fundamentais para os conhecimentos científico e tecnológico atuais. Esta lógica prova também a existência de um mundo paralelo ao nosso, onde habitam os anjos e os demônios, seres espirituais em guerra permanente: “existem outros mundos e outros seres racionais de uma espécie diferente e mais elevada (que a espécie humana)” (Cassous-Noguès 2007, p. 56). Gödel revela uma lógica matemática em cada acontecimento do mundo. A morte de Stalin pouco tempo depois da eleição de Eisenhower não é por acaso. A morte de Einstein, quase

14 dias depois dos 25 anos da fundação de seu Instituto em Princeton, não é menos casual. Não há oposição absoluta entre “estruturas do mundo” e lógica. As duas fluem em paralelo como dois rios, um ameaçando inundar o outro. Além do mais, para Gödel, nossos pensamentos e nossos cérebros também constituem dois rios correndo em paralelo; os pensamentos pertencem ao reino do espírito, eterno e ligado a Deus, enquanto nosso cérebro pertence ao reino dos nossos corpos, mortais e, antes, ligados ao Diabo.

Gödel situa suas descobertas no interior de uma história mais ampla da humanidade, formada por quatro etapas: judaica, babilônica, persa e grega. Estas quatro etapas são seguidas por outras quatro: primeiro cristianismo, Idade Média, capitalismo e comunismo. Gödel encontra uma surpreendente analogia entre estas duas seqüências. A noção de quatro períodos da história da humanidade foi inspirada em Johann Gottfried Herder, historiador e filósofo da história que muito marcou os que se interessaram pelas possibilidades de periodização da história.

Os princípios de Gödel são precisos e, mais uma vez, têm sua fonte no pensamento de Leibniz: “nada escapa ao conhecimento”, “todo fenômeno tem uma explicação”, logo “não existe problema insolúvel”. Durante muito tempo, esta será a lógica de Freud e da psicanálise. No entanto, o lógico se fecha em um mundo ilusório, embora incontestável, consistente, mas absurdo. Quanto a um problema que se mostra insolúvel, é porque nosso espírito e nosso cérebro não estão muito desenvolvidos para resolvê-lo. A possibilidade mesma da resolução é prova da existência de uma vida após a morte e da nossa eternidade. Frequentemente, Gödel passa de uma ordem de considerações para outra, superpondo diferentes domínios de reflexão e tirando essas idéias de diferentes fontes, sem as diferenciar claramente. A confusão entre as teses de Herder e as teses de Leibniz é um exemplo. Alguns autores mostram como a confusão entre domínios distintos do conhecimento é fonte de loucura (Kemple 1996).

Para nós, nossas preocupações transdisciplinares constituem fontes semelhantes: se mesclo na mesma abordagem de um objeto pouco definido uma certa antropologia, uma certa história, uma certa psicanálise, sem as definir precisamente, esta abordagem supostamente transdisciplinar aproxima-se do delírio. Ela é marcada pela presença do delírio na razão. Não é raro que Freud se dedique a exercícios bizarros em alguns de seus escritos, como em *Totem e Tabu* ou em *Moisés e o monoteísmo*. A crença bastante difundida encontrada nestes textos não diminui em nada seu caráter curioso e testemunha, antes de tudo, para o nosso pouco discernimento.

Para nós, o mais preocupante não é tanto essa loucura, essa paranóia de Gödel, que antecipa e excede a loucura de Wittgenstein e a loucura de Popper. Parece-me que o mais preocupante é esta afirmação de Gödel: “o método para o fundamento do conhecimento é então a psicanálise” (Cassous-Noguès 2007, p. 49).

Com efeito, Gödel beneficiou-se de um acompanhamento com um psicanalista, cujas tomadas de posição clínica parecem-me exemplares. Ao invés de opor-se a Gödel, atitude absolutamente inútil, ele refletia com seu paciente no sentido do delírio constituído, mas de modo a atenuá-lo. Pois razão e paranóia são tecidas uma na outra, exatamente como a psicanálise e a loucura: “os delírios dos doentes parecem-me como construções equivalentes que estabelecemos no tratamento psicanalítico...” (Freud 1938-1987, p. 280).

O contexto mesmo de nossos conhecimentos e da ciência nesse começo de milênio reforça essa situação. A filosofia alemã do século 19, e particularmente Marx, tiveram razão na sua intuição segundo a qual a tecnologia não faria nada além do que ampliar as capacidades de nossos corpos. Se a interconexão das ciências distanciou a religião de seus próprios domínios, a complexidade crescente desta interação cria espaços propícios à eclosão do delírio, por exemplo, sob a forma de crença na onipotência da ciência ou da tecnologia, como a crença anterior na onipotência do mercado ou da intervenção estatal. Estas crenças podem se resumir em uma só idéia delirante: haveria uma solução definitiva, ou soluções definitivas, para todo tipo de problemas, enquanto que a experiência mostra que qualquer solução traz nela mesma novos problemas.

Segundo Gérard Simon (2008): “em todas as nossas análises, insistimos sobre a abstração crescente das ciências, que acaba conferindo ao mundo uma inteligibilidade que não corresponde mais ao que podemos sentir, perceber ou imaginar” (Simon 2008, p. 175). As “supostas estruturas” só têm sentido para os especialistas, como as “estruturas” do universo para os cosmologistas ou, no outro extremo, as células do DNA para os bioquímicos. Tais estruturas representadas, que supõem sempre uma dinâmica, obedecem a um imaginário bastante particular, alimentado por dados de observação muito distantes dos dados brutos da percepção: “adquirimos graças ao progresso de nossa instrumentação um surpreendente arsenal de sentidos artificiais” (*ib.*, p. 177). Novamente, também aqui, a diversificação dos nossos instrumentos faz com que se confunda ciência, tecnologia e conhecimento. Esta confusão produz aberrações espetaculares. Estas aberrações correspondem às precipitações do imaginário sobre o real. Na linguagem científica, denomina-se como “quimeras” o resultado destas precipitações. Assim, “Dolly” era uma quimera. Mas outras existem, por exemplo, Al Qu’aida e a guerra no Iraque são quimeras de homens reunidos por razões ao mesmo tempo lógicas e delirantes. Sem dúvida, esta guerra terá um fim, mas nossas quimeras não terão.

A psicanálise, tão dominante e arrogante durante algumas décadas do século 20, já não ocupa mais o mesmo lugar que outrora. É verdade que a *talking cure* foi bem designada e que Freud criou o termo psicanálise, assim como um dispositivo particular de conversação. No entanto, a concepção da fala e da conversação como veículos de alívio das dores de alma é tão antiga quanto a própria noção de alma. A psiquiatria desaparecerá um dia como disciplina cuja esperança era curar a loucura. A psicologia, bem mais antiga que a psiquiatria, provavelmente resistirá melhor, já que, desde a Antiguidade, ela incessantemente recai em modalidades renovadas.

A meu ver, a psicanálise e a psiquiatria são modalidades da filosofia próprias ao século 19 e século 20. Provavelmente, durarão ainda um pouco no século 21. A fundação da psiquiatria data do *Tratado médico-filosófico* de Pinel, e já as associações psicanalíticas, pelo menos desde Lacan, voltaram-se decididamente para a filosofia. Todavia, a loucura e a razão continuam indo de mãos dadas e mais ainda: elas são tecidas uma na outra, formando um mesmo estofo. Os reinos da razão e da loucura são tão intimamente imbricados que é impossível ir muito longe em um sem passar pelo outro e pretender separá-los equivale, na prática, a destruí-los, ou melhor, a destruir o pequeno espaço que a razão conquistou, pois é difícil ver como destruir a loucura. Finjamos, portanto, ser os autores do que nos extrapola.

Notas

¹ Texto escrito a partir de uma conferência apresentada na Universidade de São Paulo, em abril de 2008.

² As três citações que se seguem pertencem a *Moi, Pierre Rivière, ayant égorgé ma mère, ma sœur et mon frère... Un cas de parricide au XIX^e siècle présenté par Michel Foucault* (1973), pp. 28-33.

³ Proposto por um esquizofrênico internado durante 40 anos, em “abcd une collection d’art brut”, excepcional catálogo da exposição “Folies de la Beauté” (“Loucuras da beleza”), Museu Campredon de Isle-sur-la-Sorgue, 8 de julho a 22 de outubro de 2000, Arles, Actes Sud/ABCD, 2000.

⁴ R. Capurro e D. Nin, “*Je l’ai tué, dit-elle, c’est mon père*”. Recentemente, apresentei resumos deste livro na revista *Psicologia Clínica*, do Rio de Janeiro, e na *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, de São Paulo.

⁵ Marie Moscovici, “Le roman secret”, préfacio de *L’Homme Moïse et la religion monothéiste: trois essais*.

⁶ Ver minhas “Notes sur la culture, le délire, l’hallucination”, em *Schreber et la paranoïa: le meurtre d’âme* (1996), pp. 267-290.

Referências bibliográficas:

- ANDLER, Daniel. (2007). *Encyclopédie Universalis*, version informatisée.
- CAPURRO, Raquel & NIN, Diego (2005). “*Je l’ai tué, dit-elle, c’est mon père*”. Traduction de B. Kemoun. Paris: EPEL.
- CASSOUS-NOGUÈS, Pierre. (2007). *Les démons de Gödel: logique et folie*. Paris: Seuil.
- FOUCAULT, Michel (1994). *Dits et Écrits*, II, texte 102 et IV. Paris: Gallimard.
- _____. (1973). *Moi, Pierre Rivière, ayant égorgé ma mère, ma sœur et mon frère... Un cas de parricide au XIX^e siècle présenté par Michel Foucault*. Paris: Gallimard/Julliard, p. 28-33.
- _____. (1972). “Mon corps, ce papier, ce feu”. In: *Histoire de la Folie à l’Âge Classique*. Paris: Gallimard, Apêndice II, pp. 583-603.
- FREUD, Sigmund. (1987). “*Constructions dans l’analyse*”, *Résultats, idées, problèmes*, II, 1921-1938. Traduction de J. Altounian e colaboradores. Paris: Puf.
- _____. (1986). *L’Homme Moïse et la religion monothéiste: trois essais*. Paris: Gallimard.
- GRANOFF, Wladimir. (1975). *Filiations, L’avenir du complexe d’Œdipe*. Paris: Minuit.
- KANT, Emmanuel (1990). *Essais sur les maladies de la tête*, suivis de *Observations sur le sentiment du beau et du sublime*. Traduction de Monique David-Ménard. Paris: Flammarion.
- KEMPLE, Thomas (1996). “Trois figures de la psychose: Schreber en procès”. In: PRADO DE OLIVEIRA, L. E. (org). *Schreber et la paranoïa: le meurtre d’âme*. Paris: L’Harmattan, pp. 175-220.
- MONTAIGNE, Michel de (2002). *Les essais*. Traduction de Claude Pinganaud. Paris: Éditeur Arléa, collection Arléa-Poche. Livros I e II, publicados originalmente em 1580.
- MOSCOVICI, Marie (1986). “Le roman secret”. In: S. Freud, *L’Homme Moïse et la religion monothéiste: Trois essais*. Paris: Gallimard.
- PLATON, (2006). Traduction de L. Brisson et J.-F. Pradeau. Paris: Garnier-Flammarion.
- PRADO DE OLIVEIRA, Luiz Eduardo (1996). *Schreber et la paranoïa: le meurtre d’âme*. Paris: L’Harmattan.
- SIMON, Gérard. (2008). *Sciences et histoire*. Paris: Gallimard.
- STRAUSS, Léo, (1952/1989). *La persécution et l’art d’écrire*. Paris: Presses Pocket.
- VINDRAS, Anne-Marie (1993). *Louis II de Bavière selon Ernst Wagner, paranoïaque dramaturge*. Traduction de Claude Béal et Anne-Marie. Vindras. Paris: EPEL.

Recebido em 10/05/2009

Aprovado em 23/06/2009